

CENTRO REICHIANO DE PSICOLOGIA CORPORAL

LUCÉLIA GABRIEL DE OLIVEIRA

PÓS-MODERNIDADE E ADOLESCÊNCIA:
UMA REFLEXÃO ACERCA DAS RELAÇÕES DO
ADOLESCENTE SOB O ENFOQUE
DA PSICOLOGIA CORPORAL

CURITIBA
2010

LUCÉLIA GABRIEL DE OLIVEIRA

PÓS-MODERNIDADE E ADOLESCÊNCIA:
UMA REFLEXÃO ACERCA DAS RELAÇÕES DO
ADOLESCENTE SOB O ENFOQUE
DA PSICOLOGIA CORPORAL

Monografia apresentada como
requisito parcial ao Programa de
Especialização em Psicologia
Corporal, ministrado pelo Centro
Reichiano.

Orientadora: Prof.^a Sandra Volpi

CURITIBA
2010

Oliveira, Lucélia Gabriel

Pós-Modernidade e Adolescência: uma reflexão
acerca das relações do adolescente sob o enfoque
da Psicologia Corporal / Lucélia Gabriel de Oliveira –
Curitiba, 2010.

Orientadora: Sandra Mara Dall'Igna Volpi

Monografia do Curso de Especialização em
Psicologia Corporal, Centro Reichiano de
Psicoterapia Corporal.

1. Adolescência. 2. Pós-modernidade.
3. Psicologia Corporal



ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA CORPORAL DECLARAÇÃO DE CONFECÇÃO DA MONOGRAFIA

Eu, **LUCÉLIA GABRIEL DE OLIVEIRA**, aluna do Curso de Especialização em Psicologia Corporal, ministrado pelo Centro Reichiano de Psicoterapia Corporal Ltda., localizado na cidade de Curitiba/PR, Brasil, assumo total responsabilidade pela confecção desse trabalho monográfico para a conclusão do curso, considerando que:

- Durante o curso, recebi todas as informações sobre a obrigatoriedade da confecção da monografia por mim mesma, e jamais por outra pessoa, estando sujeita a perder o meu certificado a qualquer momento, independentemente do prazo, caso haja a comprovação de denúncia a esse respeito.
- Estou ciente de que citei todos os autores, com os devidos créditos exigidos pelas normas da ABNT, sem ter copiado qualquer trecho de livros, Internet, revistas, etc., que se possa considerar plágio, arcando com toda e qualquer responsabilidade legal por essa questão, caso haja algum tipo de denúncia. Quando copiado algum trecho, este está devidamente mencionado com o crédito do autor (sobrenome do autor, ano da obra e páginas) e a obra indicada nas referências desse trabalho.
- Autorizo a publicação da monografia no site do Centro Reichiano, quando essa indicação for feita pelo(a) orientador(a).

Estando ciente do exposto acima, assino esse documento, o qual deverá ser incluído como primeira página da Monografia, tornando pública a presente declaração a quem se interessar.

Curitiba, 08 de Março de 2010.

Lucélia Gabriel de Oliveira
Assinatura da Aluna

TERMO DE APROVAÇÃO (DOCUMENTO EM PDF, EM SEPARADO)

Aos grandes mestres e amigos que sempre
contribuíram para o meu crescimento
profissional e pessoal.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos mestres do Centro Reichiano, pelo carinho, compreensão, ensinamentos e oportunidade de auto-conhecimento e trocas que me possibilitaram nesses dois anos, e que muito tem contribuído para o meu constante crescimento pessoal e profissional.

“O homem possui o terrível privilégio de
afastar-se de si mesmo e deixar despercebida
uma parte do seu ser.”
(CARL JUNG, *apud* GRINBERG, 2003).

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discutir os novos modelos relacionais da adolescência, pautados nas configurações da sociedade pós-moderna, buscando compreender a influência do avanço tecnológico e do fenômeno da globalização nas relações. Para isso, propõe-se a traçar um paralelo entre as perspectivas do sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2004) sobre a chamada modernidade líquida, com a visão de homem da Psicologia Corporal, fundamentada nos preceitos de Wilhelm Reich (1982; 1996) e seus colaboradores. O estudo foi elaborado a partir de análises das leituras realizadas. O interesse em desenvolver o tema, iniciou-se pela necessidade de ampliar o conhecimento relativo às relações da adolescência e o enfoque da Psicologia Corporal como uma área de conhecimento capaz de elucidar a influência dos fenômenos da pós-modernidade nos relacionamentos dos adolescentes. As considerações iniciais do trabalho de pesquisa relatam a adolescência e suas principais características biopsicossociais, a seguir descreve-se a caracterização geral da pós-modernidade e o fenômeno de globalização. Na sequência apresentam-se as considerações da Psicologia Corporal acerca da adolescência, descrevendo a teoria do desenvolvimento emocional, com o objetivo de buscar novos caminhos para olhar as relações do adolescente na pós-modernidade. O trabalho finaliza com as considerações da pesquisadora sobre a importância da Psicologia Corporal para a compreensão e entendimento da formação do adolescente e as suas relações com seus pares.

Palavras-chave: Adolescência. Pós-modernidade. Psicologia Corporal.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 ADOLESCÊNCIA	11
2.1 ASPECTOS GERAIS	11
2.2 ASPECTOS BIOLÓGICOS, EMOCIONAIS E SOCIAIS	13
3 PÓS-MODERNIDADE E GLOBALIZAÇÃO	17
3.1 CARACTERIZAÇÃO GERAL	17
3.2 A PÓS-MODERNIDADE SOB O OLHAR DE ZYGMUNT BAUMAN	18
4 PSICOLOGIA CORPORAL	23
4.1 CARACTERIZAÇÃO GERAL	23
4.1.2 Uma breve contextualização da obra de Wilhelm Reich e suas principais concepções teóricas	26
4.2 A TEORIA DO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL	31
5 REFLEXÕES ACERCA DA ADOLESCENCIA E A PÓS-MODERNIDADE NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA CORPORAL	38
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	45

1 INTRODUÇÃO

Por muito tempo a adolescência foi vista apenas como uma fase conflituosa e passageira, determinada por algumas alterações hormonais. No entanto, sabe-se atualmente que esta é uma das fases mais marcantes do desenvolvimento, em especial porque envolvem mudanças, escolhas e experiências importantes, experiências estas que compreendem tanto a descoberta da sexualidade quanto das responsabilidades sociais e de papéis que o adolescente irá desempenhar no universo social, bem como nas relações com os demais indivíduos com quem mantiver contatos e relacionamentos.

Além disso, a adolescência parece estar demarcada ainda por uma inquietante incongruência contextual. Isso porque, ao mesmo tempo em que são exigidas do adolescente escolhas significativas, principalmente com relação ao seu futuro, também lhe são impostos limites e atitudes de alguém que almeja cuidados e tem seus atos limitados pela dependência financeira.

No entanto, é também nessa fase que os relacionamentos se intensificam e a busca pela descoberta de si e do outro se torna intensa e motiva o adolescente em suas ações. Por isso, a preocupação com as relações na adolescência, uma vez que é nessa fase que o indivíduo busca identificação no outro e constrói sua identidade na constante troca com o meio em que vive.

Apesar disso, com a nova configuração social, pautada no rápido e crescente desenvolvimento tecnológico, que tem dificultado a visualização de padrões concretos, muitos chegam a acreditar que a adolescência não existe mais, sendo, portanto, substituída por padrões da vida adulta, que não permitem sua demarcação específica como fase de desenvolvimento.

Com isso, muito vem se questionando sobre a grande influência da tecnologia nas mudanças na maneira de se relacionar de adultos e adolescentes, uma vez que estes avanços tecnológicos, ora impõem-se como mediadores de relacionamentos, ora como grandes incentivadores de padrões. Por isso, é que a polêmica da chamada era global, também gera dúvidas e contradições entre pesquisadores, como Bauman (2004), Hall (2000), Connor (1992), entre outros, que comentam sobre o comportamento humano que fundamentam idéias, por vezes incongruentes ou demasiadamente deterministas para explicar o fenômeno da pós-modernidade e das mudanças comportamentais e subjetivas observadas na atualidade.

No entanto, se há realmente uma drástica mudança nos relacionamentos entre os adolescentes, seria esta realmente fruto de mudanças globais vivenciadas na pós-modernidade? Quais seriam tais mudanças então, e de que maneira estas vem influenciando a subjetividade e as formas de relacionamento humano, em especial entre jovens e adolescentes? Essas são questões polêmicas que além de fundamentarem a proposta desse trabalho tem gerado discussões importantes, e merecem reflexões contextuais.

Por isso, é nesse sentido, que o presente trabalho pretende desenvolver uma discussão teórica sobre o assunto, enfocando as perspectivas do sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2004) sobre a pós-modernidade e de Wilhelm Reich (1996) sobre aspectos do desenvolvimento emocional e caractereológico do ser humano. Além disso, também buscar-se-á definir os aspectos gerais da adolescência, seus principais conflitos e sua importância para o desenvolvimento, em especial, das questões que envolvem a identidade e sexualidade, contextualizando essas questões na chamada era da globalização, na qual o desenvolvimento tecnológico é intenso e promove significativas mudanças no cotidiano social.

Inicialmente pretende-se descrever sob diferentes perspectivas os principais aspectos que envolvem a adolescência, apontando suas características fisiológicas, psicológicas e sociais, bem como descrever as mudanças que alicerçam a polêmica da pós-modernidade, para depois destacar as concepções de Bauman (2004) sobre o que chama de “modernidade líquida”.

Em seguida, procurar-se-á realizar a caracterização da Psicologia Corporal, destacando a noção de desenvolvimento psicoemocional, que se fundamenta nas idéias de Reich (1995) e seus colaboradores, traçando posteriormente, um paralelo entre as perspectivas da Psicologia Corporal, fundamentadas nas idéias de Reich (1995), no que se refere a visão de homem dessa teoria, com as de Bauman (2004) sobre a pós-modernidade e sua influência nas relações humanas, destacando o período compreendido como adolescência.

2 CARACTERIZAÇÃO DA ADOLESCÊNCIA

2.1 ASPECTOS GERAIS

Situada entre duas fases importantes do desenvolvimento humano, a infância e a idade adulta, a adolescência é um dos momentos do desenvolvimento de maior dificuldade de caracterização. Marcada por situações e mudanças significativas nem sempre pode ser situada em uma faixa etária específica, o que é justificado pelo fato da idade adulta ser permeada constantemente por situações e experiências que tiveram início nessa fase evolutiva da vida, e por ser determinada por fatores culturais, sociais e econômicos.

Viver a idade adulta é experimentar profundas transformações em todas as suas dimensões, mudanças no corpo, nas relações, na sexualidade, na força, nos desejos, na capacidade própria para compreender e explicar o mundo e as suas experiências, suas emoções e sentimentos. Portanto, buscar compreender a adolescência é também procurar entender a descoberta e o desafio da construção da vida adulta, visto que nesta fase refletem-se muitas das experiências vividas na adolescência.

As contribuições de Carvalho (2002, p. 37) mencionam que a construção da identidade do adolescente é contraditoriamente uma identidade individual e uma identidade coletiva. O adolescente precisa do grupo, precisa do adulto, precisa de referência; mas ele precisa diferenciar-se, construir sua própria identidade. Portanto, tornar-se adolescente é viver cercado por profundos conflitos: novos e diferentes ritmos, tempos, espaços, presença na sociedade e na cultura.

Porém, para fins conceituais e de pesquisa, apesar da grande diversidade de definições, o fim da adolescência é caracterizado, por alguns teóricos, pela aquisição da identidade, da autonomia e pela elaboração de projetos de vida e integração social.

Sabe-se que é na adolescência que o indivíduo torna-se mais vulnerável não só às mudanças químicas e biológicas, decorrentes das transformações orgânicas, mas também às mudanças que envolvem a tecnologia, o progresso científico, a cultura, e as transformações sociais. Ou seja, é nesse período que o ser humano é fortemente influenciado pelo meio em que está inserido, a

ponto de sofrer alterações químicas, tendo seu processo maturativo acelerado ou retardado.

Por isso, a adolescência, na visão de Carvalho (2002), é tida como um processo dinâmico, mas de difícil compreensão, que relacionado a transformações globais, caracteriza-se como uma fase de inquietações, contradições e incertezas, em especial pela explosão de sentimentos e emoções antagônicas que emergem constantemente, com as sensações opostas de autonomia e dependência, crescimento e regressão, entre outros.

Para alguns autores, como Barros (1986), esse período também pode ser caracterizado pelo grande desejo de aprovação, que faz com que o adolescente busque em grupos a identificação e a construção de uma identidade social que lhe traga segurança. Com as constantes perturbações emocionais e mudanças de humor, características dessa fase de busca, muitas vezes, o adolescente é visto como introvertido e incoerente. Segundo a autora, no entanto, tudo isso ainda é resultado de uma fase em que o indivíduo procura resolver três importantes questões, o problema profissional, o sexual e o filosófico, definido por Erikson (1976, *apud* Barros, 1986), como sinônimo da grande questão: “quem sou eu?”.

Nesse sentido, fica claro, como sugere Gaudêncio (1974), que muito mais do que tentar enquadrar a adolescência em uma faixa etária específica, é importante olhá-la como uma maneira psicológica de enfrentar a vida. Isso porque, as pessoas são adolescentes não porque tem determinadas características físicas ou orgânicas, mas sim, porque possuem características psicológicas que permitem tal classificação. Portanto, conforme afirma Josselyn (*apud* Campos, 2001), psicologicamente podemos definir o fim da adolescência com o surgimento de padrões consistentes de características psicológicas, para dar conta dos conflitos internos e das exigências da sua realidade.

No entanto, de acordo com Gaudêncio (1974), historicamente a definição e o período compreendido por adolescência foi modificando-se, em especial, pelas mudanças sociais, econômicas e culturais, estando sua transição à idade adulta, hoje, mais próxima da vivência de responsabilidades específicas e de questões ligadas à independência financeira. Dessa forma, o autor afirma que a adolescência pode ser encarada como uma conquista social, mas que também não pode ser resumida apenas a isso, pois

precisamos compreendê-la em suas mais diversas formas, ou ainda, desde suas mudanças físicas até as afetivas, sociais e comportamentais.

2.2 ASPECTOS BIOLÓGICOS, EMOCIONAIS E SOCIAIS

Para se considerar os aspectos biológicos da adolescência não há como não incluir a chamada puberdade, etapa caracterizada pelo início do processo de maturação sexual e fenômeno paralelo e interdependente das alterações do crescimento, aparência física, funcionamento endócrino, os quais são marcos que fazem parte dessa etapa do desenvolvimento. No entanto, também não há como desconsiderar os aspectos ambientais, ou ainda, contextuais, sociais e culturais no processo maturativo, uma vez que estes são responsáveis pelo ritmo de maturação e podem influenciar diretamente no desenvolvimento biológico.

Devemos ainda compreender a ambivalência entre amor e ódio no que se refere aos aspectos emocionais, como um processo inerente ao ser humano, e presente em sua vida afetiva. Com essa compreensão, torna-se possível entender as emoções como expressões da vida afetiva, sendo que elas acontecem no mundo interno de cada indivíduo e são acompanhadas de modificações orgânicas, como a aceleração ou retardo de batimentos cardíacos, quando se encontra diante de uma pessoa considerada significativa.

De acordo com Bock (1995), as emoções também podem se manifestar de outras formas, como o choro, a gargalhada, a paixão. Já os sentimentos são mais duradouros que as emoções e não são acompanhados de reações orgânicas intensas, a amizade e a ternura são exemplos de sentimentos. Essas manifestações fazem parte da vida psíquica e acompanham o indivíduo a todo o momento e em todas as situações.

Ainda entende-se por sentimento, a partir da contribuição de Bock (1995), os afetos básicos (amor e ódio), pois, além de manifestarem-se como emoções, podem expressar-se como sentimentos.

Nesse sentido, a emoção estaria vinculada à paixão, que é passageira, podendo transformar-se num sentimento de amor ou de ódio. O importante para esse estudo é compreender que emoções e sentimentos compõem a vida do ser humano e manifestam-se em suas relações interpessoais, uma vez que

o objetivo do estudo é analisar, o enfoque da Psicologia Corporal nas relações dos adolescentes com seus pares, na pós-modernidade.

Algumas teorias do desenvolvimento divergem quanto às influências ambientais no desenvolvimento humano. Outras, como a Teoria Evolutiva do ciclo vital de Baltes (1987) e a Teoria do desenvolvimento psicossocial de Erickson (1998), são orientadas pelo ponto de vista ambiental ou sócio-cultural; dão mais ênfase aos aspectos cognitivos, comportamentais, sociais e culturais, afirmando que adolescência é um processo complexo, e que deve ser considerado em seu aspecto biopsicossocial.

Tais afirmativas e contraposições deixam uma lacuna quanto a uma complexa questão, que se refere a que tipos de eventos, biológicos ou ambientais, ou que combinação destes, e em que grau e/ou circunstâncias, tais eventos podem alterar os padrões comportamentais, de personalidade e de desenvolvimento específicos desses jovens, conforme salienta Campos (2001). Estas questões, além de serem responsáveis também por inúmeras pesquisas atuais que tentam relacionar o comportamento às mudanças sociais, econômicas e culturais, são as que orientam a presente pesquisa.

Verifica-se, portanto, que é importante caracterizar a adolescência também pelos aspectos fisiológicos que marcam tal período, mesmo acreditando nas alterações e influências das questões ambientais, sociais e culturais, pois se prefere considerar a interdependência de fatores na constituição do ser humano, como uma forma mais completa de se referenciar a adolescência. Com isso, ao destacar a influência dos hormônios, responsáveis por mudanças significativas na adolescência, também se leva em conta os fatores que podem alterar a quantidade ou eficiência dessas substâncias, alterando também características e padrões no desenvolvimento.

Uma das modificações marcantes do período da adolescência é como já destacada, por Carvalho (2002), é a maturação sexual, que biologicamente deriva do funcionamento das glândulas endócrinas. No período que antecede o início da puberdade, uma glândula, conhecida como timo, que tem como uma de suas funções retardar ou controlar o desenvolvimento das gônadas, ou glândulas sexuais, começa a regredir gradativamente. Isso faz com que hormônios do sexo masculino (andrógenos) e femininos (estrógenos) iniciem, em conjunto com outros hormônios, o processo maturativo sexual que

culminará com o aparecimento das características sexuais em meninas e meninos.

Ainda para Carvalho (2002) as características mais comuns que dão indício ao início da puberdade são, nas meninas, o desenvolvimento dos seios, a primeira manifestação da menstruação, o aparecimento de pêlos, espalhados pelo corpo, mas concentrados em regiões específicas, como púbis e axilas e diferenciações na tonalidade de voz, o que também ocorre nos meninos, porém de maneira mais substancial e aparente. Além da voz, nos meninos também ocorre o crescimento dos órgãos sexuais, aparecimento de pêlos, nas axilas, púbis e face.

Outra característica importante é o crescimento rápido, que se apresenta mais acentuado, prioritariamente nas meninas, e também depende de hormônios específicos. Tais características físicas são importantes para o desenvolvimento físico e maturativo, mas também influenciam na imagem que esse adolescente terá de si e com a idéia que faz de como é, aos olhos dos outros, segundo Campos (2001).

Essas idéias podem interferir em seu processo de desenvolvimento, tanto de maneira positiva quanto negativa. O fato de o desenvolvimento tornar-se mais lento, devido a distúrbios hormonais ou outras patologias, ou ainda, não especificamente como o esperado pelo adolescente que começa a comparar-se com outro colega da mesma idade, pode afetar a auto-estima deste adolescente, que nessa fase também está em busca de contato e do reconhecimento do outro e no outro.

Sabe-se que é nessa fase que o jovem volta-se para o outro com mais intensidade, observando, comparando, questionando padrões, modelos estéticos e outros, em busca da construção de sua identidade, reconhecimento, integração e novas experiências. As questões emocionais, portanto, assumem lugar de destaque, interferindo nesse processo de construção individual e coletiva, motivando comportamento e ações. De acordo com Campos (2001), todas as dificuldades por que passa um adolescente envolvem emoções e pensamentos. Por isso ainda destaca que:

Os sentimentos a respeito de si mesmo e dos outros, bem como o julgamento que a seu ver os outros fazem dele, dominam toda a vida do adolescente. Daí se poderem compreender as razões de toda a agitação e turbulência desta etapa da vida do indivíduo. (CAMPOS, 2001, p. 51-52).

Dessa forma, não há como deixar de considerar a importância dos aspectos relacionais, ou ainda, sociais, uma vez que, apesar das concepções biológicas e naturalistas que foram citadas anteriormente, é em suas relações que o adolescente irá se reconhecer e construir identidade, vivenciando diferentes experiências e papéis. A importância dos outros nessa fase também diz respeito à definição de conceitos e na forma de pensar e agir desse adolescente. Portanto, o contexto em que está inserido será de extrema importância no desenvolvimento de formas específicas de “adolescer”, e podemos considerar a adolescência como uma construção social, como sugere Bock (2001), que ainda aponta a adolescência como um produto social, ou seja, que é construída por uma sociedade, e a partir de suas necessidades.

Entendendo o desenvolvimento do adolescente, portanto, como uma construção, que depende de relações e experiências, mas que se inicia já desde o seu nascimento, pode-se afirmar que alguns fatores são de extrema importância e de maneira direta ou indireta interferem nesse processo gradual de construção de identidade. Dentre eles, podemos destacar o meio ambiente, a religião, a família, os grupos sociais, a tecnologia, a ciência, dentre outros, que, em relação, e sendo produtos de uma determinada sociedade, também são importantes influências no desenvolvimento desse adolescente.

Isso, portanto, justifica a afirmativa de Bock (2001), de que é também da necessidade de uma sociedade que surge uma forma específica de construção, ou ainda de adolescente. Considerando tal questão, como poderíamos definir então a adolescência da sociedade atual, onde a tecnologia vem determinando formas diferentes de organização social, e tem criado necessidades e padrões divergentes? Tal questão é a motivação de inúmeras pesquisas empíricas da era pós-moderna e também faz parte do questionamento inicial deste trabalho.

3 PÓS-MODERNIDADE E GLOBALIZAÇÃO

3.1 CARACTERIZAÇÃO GERAL

Considerando a importância dos fatores contextuais no desenvolvimento humano, como vimos, é impossível destacar o adolescente de hoje, da atual organização social e das mudanças na sociedade alicerçadas pelo avanço do conhecimento científico e tecnológico. Fica evidente, no entanto, que as questões biológicas do desenvolvimento seguem um curso único, mas que também pode ser influenciado, modificando-se rítmica e funcionalmente pelas alterações do novo contexto da modernidade, ou como destacam muitos autores, da pós-modernidade.

Desta maneira, como caracterizar a chamada pós-modernidade? Sabe-se que os conceitos de modernidade e pós-modernidade referem-se às mudanças históricas e temporais relacionadas à cultura, pensamento e conhecimento, ou seja, são padrões que determinam a característica de uma época e suas influências.

A chamada pós-modernidade é um termo amplamente utilizado para representar um tempo marcado por expressões culturais distintas, novas construções científicas, mudanças de valores, crenças e na forma de se caracterizar o eu, portanto de identificação e de identidades.

Apesar da dificuldade em se delimitar e definir claramente o surgimento da chamada era pós-moderna, alguns autores insistem na questão da ciência e tecnologia, afirmando uma superioridade do conhecimento científico e tecnológico no período compreendido como pós-modernidade. Isso é claro, sem esquecer suas implicações às diferentes áreas sociais, uma vez que tais alterações produzem efeitos significativos em toda organização social, e até mesmo no que se refere às relações.

De acordo com Stabile (1999, *apud* Shinn, 2008), podemos identificar o pós-modernismo como um período histórico, procedente à sociedade pós-industrial, onde o homem era identificado como produto de uma civilização industrial, que, em massa, organizava-se a favor de lutas políticas e sociais. Além disso, ainda refere-se a pós-capitalismo e pós-fordismo, quando sugere que o consumismo vem passando à frente da produção, fazendo com que as pessoas se identifiquem mais com identidades particulares, pertencentes a

pequenos grupos, voltando seu olhar mais para minorias sexuais, raciais e culturais.

Há também quem responsabilize o grande crescimento tecnológico por todas as mudanças sociais e organizacionais da pós-modernidade. Isso porque se acredita na saturação de informações, na supervalorização dos signos, na dependência tecnológica cotidiana, e na supervalorização da tecnologia sob a ciência, como marcos para chamada era pós-moderna.

De acordo com Siqueira (2001, *apud* Shinn, 2008), a sociedade pós-moderna pode ser identificada especialmente pela globalização, que caracteriza-se pela diversidade e não pela uniformidade. As informações, valores e conceitos se fundem e as diferenças se intensificam, causando conflitos que necessitam do diálogo ou da força para serem resolvidos.

Entendida como sinônimo de tempos modernos, muitas vezes fica difícil dissociar o conceito de globalização de pós-modernidade. No entanto, a idéia de globalização sugere uma derrubada de barreiras e está relacionada, em especial, com a ascensão dos meios de telecomunicação, pela diversidade dos meios de transporte, em especial com o surgimento da Internet, ou ainda, com o desenvolvimento tecnológico.

Em geral, o que se pode perceber, ao estudar a pós-modernidade, é que não há como definir objetivamente, ou definir unicamente, o seu conceito, nem mesmo definir suas origens com certeza. Isso porque, além das fragmentações conceituais, contradições teóricas e inconsensuais, não há meios de se dissociar as inúmeras esferas que se entrelaçam para dar origem ao que se denomina de pós-modernidade. Vista por diferentes ângulos e possuindo interpretações, por vezes, incongruentes, o conceito acaba sendo refém do próprio relativismo que lhe caracteriza.

3.2 A PÓS-MODERNIDADE SOB O OLHAR DE ZYGMUNT BAUMAN

Porém, costuma-se encontrar como um dos grandes disseminadores do conceito de pós-modernidade o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2004), que preferiu adotar o termo “modernidade líquida” para se referir ao que considera ser um tipo de sociedade específica que emerge, nos rodeia, e que caracteriza-se pela falta de forma e temporalidade. Anteriormente encontrávamos dificuldade em delimitar ou mesmo descrever o que vem a ser

pós-modernidade, com a concepção de Bauman (2004), fica mais fácil encontrarmos relação e construir um conceito restrito dentro do viés da sociologia. Isso porque, segundo Bauman (2004)(*apud* Garcia, 2004) a pós-modernidade diz respeito a um tipo de condição humana, ou ainda, uma organização social, com características distintas da sociedade moderna, que esteve em ascensão até meados da década de 80, dando lugar a condições mais insólitas de vida e relação, onde não há mais certezas, e a relatividade torna-se a ordem.

Não se propõe, no entanto, uma delimitação cronológica da pós-modernidade, nem o estabelecimento de marcos históricos, culturais e políticos que diferenciem modernidade de pós-modernidade. O que Bauman (2004) busca, em especial no seu livro “O Mal-estar da Pós-modernidade”, é enfatizar as transformações na maneira do ser humano conduzir sua vida no atual contexto de mudanças rápidas e significativas, que chamou de modernidade líquida.

Ao utilizar o termo “líquido”, tenta expressar a constante fluidez do nosso tempo, pois para ele, na sociedade pós-moderna líquida, tudo é temporário e não mantém formas, desfaz-se e esvai-se como líquido. Destaca que valores, convicções, instituições, e estilos não mais se solidificam para se tornarem costumes, verdades ou hábitos. Com isso, evitam-se padrões, tradições e rotinas, mas também se enfraquecem relações e cresce o medo por relacionamentos mais profundos, uma vez que a possibilidade de imobilidade não faz mais sentido em um mundo em constante mudança e movimento.

Diante disso, o homem cria a ilusão de auto-suficiência, alimentado pela relatividade e necessidade de movimento, e perde referências e recursos coletivos. Nesse sentido, vê-se que a segurança da modernidade que sucumbir à liberdade e causava mal-estar, como sugere Bauman (2004), hoje, dá lugar a uma liberdade inquietante de busca por prazer, que admite uma dose bem pequena de segurança, e que, no entanto, não resolve o mal-estar, mas o intensifica pela fluidez da liberdade.

Carente de certezas, proteção e segurança, na era pós-moderna líquida, o homem passa a viver na vulnerabilidade, e o sentimento de impotência, frente a constantes ameaças que não podem mais serem previstas, faz ascender um medo constante e limitador. Não havendo mais sentido na coletividade pela ilusão de auto-suficiência, pensa-se que as ameaças devem

ser enfrentadas individualmente, o que além de ampliar a sensação de medo, faz com que os laços humanos tornem-se ainda mais frágeis.

Talvez possamos considerar que essa seja uma das maiores marcas da pós-modernidade líquida: a inexistência de solidariedade e a fragilidade dos vínculos, pela desvalorização da durabilidade e permanência. Com isso, tudo passa a ser temporário, e a felicidade uma busca individual e conseqüentemente também um conceito temporário.

Na modernidade, no entanto, a promessa era por segurança e permanente felicidade. O mundo e a vida poderiam ser previstos e controlados, a ciência estava em ascensão, e garantia certa imobilidade aparente e o poder de construção de verdades e certezas pelo culto à racionalidade.

A promessa de afastamento da dor pela segurança da racionalidade, no entanto, deu lugar a uma estratificação social ainda maior, criando monopólios e direitos exclusivos apenas a alguns. Não houve a tão sonhada universalização dos preceitos iluministas de felicidade, liberdade e igualdade.

Logo, é possível notar como toda segurança moderna passou a dar lugar à individualização e ao medo, sinônimo de incertezas e desconfianças. Já não se pode mais confiar no outro, e a crise de confiança vêm abalando as relações que antes eram sinônimos de tranquilidade, conforto e confiança. Como tudo muda repentinamente e as ameaças se intensificam, a busca pelo prazer acaba se tornando intensa, e não mais se tolera a dor e a espera.

Com a ansiedade pela liberdade plena e profunda, cresce também a insegurança na capacidade de decisão, pois poder tudo passa a ser tão assustador quanto não poder nada. Com isso a consciência da incerteza e ambivalência acaba sendo também forte marca da pós-modernidade líquida, segundo Bauman (1998).

E se a incerteza torna-se um marco, o mercado de consumo prontamente constrói desejos e soluções sedutoras e ideais que prometem a plena felicidade, mas que também trazem novas formas de controle e estratificação social. A sedução e a repressão acabam, portanto, sendo a dupla opositora motriz da sociedade de consumo.

Segundo Bauman (1998, p. 55),

A sedução do mercado é, simultaneamente, a grande igualadora e a grande divisora. Os impulsos sedutores, para serem eficazes, devem ser transmitidos em todas as direções e dirigidos indiscriminadamente a todos aqueles que os ouvirão. No entanto, existem mais daqueles

que podem ouvi-los do que daqueles que podem reagir do modo como a mensagem sedutora tinha em mira fazer aparecer. Os que não podem agir em conformidade com os desejos induzidos dessa forma são diariamente regalados com o deslumbrante espetáculo dos que podem fazê-lo. O consumo abundante, é-lhes dito e mostrado, é a marca do sucesso e a estrada que conduz diretamente ao aplauso público e à fama. Eles também aprendem que possuir e consumir determinados objetos, e adotar certos estilos de vida, é a condição necessária para a felicidade, talvez até para a dignidade humana.

No entanto, o que ainda observa-se na atual pós-modernidade líquida, são modelos fluidos de estilos de vida e felicidade, pois como já se destacou anteriormente, não há mais padrões fixos, uma vez que como sugere o próprio autor, estilos e padrões são “livremente concorrentes” (BAUMAN, 1998, p. 23). Assim, é preciso que haja, no indivíduo da pós-modernidade, a flexibilidade para a experimentação constante de identidades e a disponibilidade para a busca incessante de experiências e sensações cada vez mais inebriantes.

Mas se falamos de identidades na nova era líquida, também não podemos deixar de pensar em um novo modelo relacional de identidade, alicerçado na dinâmica de construção e desconstrução. Assim, a velha noção de identidade, que se amparava na busca por um “eu” sólido, que definisse o indivíduo enquanto história e relação, dá lugar a uma procura constante e temporária por um “nós” em permanente movimento.

Nessa nova concepção, gerada pela insegurança da pós-modernidade, encontram-se também outras formas de relacionamento, que não mais prevêm perspectivas duradouras. Apesar da constante busca por relacionamentos seguros, não se pode pensar em frustrações ou diminuição do ritmo de vida. A versão temporária de relacionamento, portanto, parece estar mais de acordo com a busca por sensações e experiências intensas e momentos de felicidade que fazem parte da versão líquida moderna.

Por isso, investe-se na substituição da qualidade por quantidade, acreditando-se na fragilidade dos relacionamentos, que não mais resistem às atrativas versões de desejos e promessas de felicidade criadas pela sociedade de consumo. Se há desejos para serem consumidos rapidamente, e não há mais motivo para correr o risco de auto-sacrifício, em prol do outro, criam-se novas sensações, modelos e necessidades a cada instante.

Segundo Bauman (2004) na sociedade atual, a necessidade pelo contanto ainda permanece, porém ocorre o medo do amor acabar se tornando uma prisão ou armadilha, que prevalece a qualquer custo. Com isso, homens e

mulheres entram e saem de relacionamentos constantemente, em busca de sensações e experiências cada vez mais intensas. O medo pela possibilidade, mesmo ínfima, de um relacionamento atrapalhar as mudanças de um futuro desconhecido, pode fazer com que homens e mulheres optem pela solidão de quartos e telefones celulares como a maneira mais segura de se relacionar.

O que se presencia enfim, não é o fim dos relacionamentos ou do sentido de identidade, mas sim novos modelos, que de acordo com cada grupo de adolescentes podem ou não proporcionar uma liberdade de experimentação absurdamente excitante e solitária. De acordo com Bauman (2004), nunca houve tanta liberdade na escolha de parceiros, mas também nunca se viu homens e mulheres sentirem-se tão ansiosos para rever ou reverter o rumo de relações.

Fazer escolhas constantemente e que possibilitem a sua substituição por opções mais atualizadas ou modernas é a ordem do mercado de consumo da pós-modernidade, que orienta também a busca por relacionamentos. Isso porque na pós-modernidade líquida tudo se modifica rapidamente e deve-se ficar atento as novas possibilidades. Na era governada pela globalização, tudo é possível, a conexão e a desconexão constantes; o acesso à fantasia e a imaginação, dependem apenas por um clique. “Líquida!”, portanto, é a palavra que caracteriza a sociedade de hoje.

4 PSICOLOGIA CORPORAL

4.1 CARACTERIZAÇÃO GERAL

A Psicologia Corporal é uma teoria que busca permitir ao ser humano uma vida mais equilibrada e saudável, por meio da regulação de sua energia vital, e conseqüentemente, de seus pensamentos e emoções. Para isso, prevê técnicas que buscam o sentimento de integridade desse homem, que tido como unidade, possui características físicas, comportamentais e energéticas que se manifestam em resposta à dinâmica relação entre mente e corpo.

Wilhelm Reich, médico vienense, nascido em 1897, é considerado o criador da Psicologia Corporal. Descrito por muitos como excêntrico, inovador e ousado, Reich contribuiu para o surgimento de diversas abordagens terapêuticas tanto dentro das Psicoterapias Corporais, como da Psicologia de uma maneira geral. No Psicodrama e na Gestalt-terapia, por exemplo, é possível encontrar forte influência do pensamento reichiano, que se propõe a uma visão otimista do homem, entendendo que este possui uma força intrínseca que o motiva e o impulsiona para auto-regulação e bem estar.

Durante sua trajetória, foi psicanalista e colaborador de Sigmund Freud, criador da Psicanálise. Nesse período, buscou especialmente compreender a sexualidade e a origem das neuroses, mas encontrando dificuldades em obter a tão questionada “cura” através dos métodos tradicionais da psicanálise, propôs-se a observar outras formas de resistência no paciente.

Voltando sua atenção, portanto, não apenas ao conteúdo verbal, mas também ao corpo, comportamento, modo de falar e agir de cada paciente, ou seja, na forma como o organismo se expressava, de maneira integral, identificou resistências que considerou vindas do caráter de cada paciente. Dessa forma, passou a considerar o caráter como a maneira de expressão da personalidade de cada um, adquirido e moldado de acordo com as experiências individuais. Assim, destacando possíveis bloqueios sofridos nas etapas do desenvolvimento psicoemocional como responsáveis por determinada estrutura de caráter, desenvolveu o que denominou de Análise do Caráter.

Após uma nova configuração do *setting* terapêutico, com a retirada do paciente do divã, colocou-se frente a frente com o indivíduo na terapia, e

propôs uma intervenção mais direta e ativa do terapeuta, onde o paciente assumiria também uma postura mais participativa e responsável diante de suas próprias questões. No entanto, tal posicionamento e o questionamento recorrente sobre determinadas questões da psicanálise, causou o rompimento definitivo com Freud e sua conseqüente expulsão da Sociedade Internacional de Psicanálise.

A partir disso, Reich criou sua própria escola, e passou a considerar a influência mútua e a inseparabilidade de pensamentos e emoções, entendendo o indivíduo como um ser ativo tanto no processo terapêutico quanto na vida. Com o desenvolvimento de um modelo de tratamento diferenciado da psicanálise, enfocando a Análise do Caráter, Reich chegou à descoberta do que denominou de couraça muscular. Esta, segundo ele, seria um equivalente da couraça psíquica, entendida como tensões crônicas no corpo, que se formam ao longo da vida de cada um, e cuja função seria a de proteger o indivíduo de experiências dolorosas e ameaçadoras.

A partir disso, passou a considerar a equivalência entre essas tensões e as etapas do desenvolvimento psicoemocional, chegando, por meio de trabalhos realizados no aparelho psíquico e físico, a mapear sete regiões, ou ainda, segmentos de couraça, dentre estes, o ocular, o oral, o cervical, o torácico, o diafragmático, o abdominal e o pélvico. De acordo com Reich, tais segmentos mencionados anteriormente, quando encouraçados, eram responsáveis pelo impedimento do fluxo energético natural do organismo, o que traria uma configuração específica ao corpo, e seria responsável por posturas diferenciadas, como olhos arregalados, tensões no maxilar ou face, desvios de coluna, entre outros.

Diante de tais descobertas, Reich (1966) passou a atribuir também ao corpo, as marcas da história evolutiva do indivíduo, e através dele buscava resgatar as emoções mais profundas, através de uma técnica denominada de vegetoterapia. Seu objetivo é o restabelecimento da mobilidade biopsíquica por meio da anulação, ou ainda, enfraquecimento da rigidez, ou seja, do encouraçamento do caráter e da musculatura. Todo processo é realizado por meio dos chamados *actings*, ou ainda, movimentos específicos, que, seguidos da análise dos conteúdos verbalizados pelo paciente, prevê o restabelecimento total da capacidade de pulsação do organismo.

Depois disso, Reich ainda dedicou-se a pesquisas em laboratório e ao estudo do câncer. Ao observar o movimento de protozoários, percebeu que seus movimentos assemelhavam-se aos reflexos do corpo humano que apareciam no momento do desbloqueio das couraças. Isso fez com que ao intensificar suas pesquisas, Reich chegasse à descoberta de um tipo específico de energia, que denominou de energia orgone.

De acordo com ele tal energia estaria presente tanto dentro dos organismos vivos quanto fora, o que possibilitava sua acumulação. Diante de tal descoberta, percebeu que existiam materiais que possuíam a propriedade de concentrar, e outros de expelir essa energia, criando, portanto o que chamou de acumulador de orgônio, composto por materiais orgânicos e inorgânicos.

Tais descobertas levaram à ampliação do termo Vegetoterapia para Orgonoterapia, surgindo paralelamente, uma disciplina consolidada como ciência natural, destinada ao estudo da energia orgone e suas funções, que passou a ser conhecida como Orgonomia.

De acordo com Volpi (2003), a orgonoterapia, a partir disso, teve sua sistematização feita por Federico Navarro, um neuropsiquiatra italiano, que a pedido de Reich e intermédio de Ola Raknes, desenvolveu uma metodologia específica para o desbloqueio das couraças, denominada por Reich (1996) de Vegetoterapia Caracteroanalítica.

Com o intuito de atingir diretamente o problema físico, entendendo que os distúrbios emocionais se instalam no corpo como tensões, bloqueios energéticos, movimentos específicos e rigidez, Reich construiu um campo de pesquisa que conquistou inúmeros discípulos. Estes, por sua vez, constituem uma segunda geração de seguidores que ocupam lugar de destaque na Psicologia Corporal em todo mundo, e dividem-se em pós-reichianos e neo-reichianos, por partirem de conceitos e princípios reichianos, mas atualizados e influenciados por suas próprias pesquisas.

Dentre as abordagens subseqüentes que compõe as Psicoterapias Corporais atualmente, podemos destacar a Somatopsicodinâmica de Federico Navarro, a Análise Bioenergética de Alexander Lowen e John Pierrakos, que também é responsável pela *Core Energetics*, a Psicologia Biodinâmica de Gerda Boyesen e a Biossíntese de David Boadella.

No entanto, atualmente, a Psicologia Corporal, como toda a Psicologia, encontra-se em constante desenvolvimento e expansão, interessando-se não apenas por temas clínicos, mas ampliando seus horizontes para diferentes áreas, como as educacionais e sociais, de maneira geral. Assim, observa-se que a Psicologia Corporal, vem se desenvolvendo, e muito, em campos diversos, contribuindo para a melhoria na qualidade de vida de inúmeros sujeitos da nossa história e para a constante reflexão da sociedade em que vivemos.

4.1.2 Uma breve contextualização da obra de Wilhelm Reich e suas principais concepções teóricas

Além de toda contribuição de Reich para o desenvolvimento da Orgonomia e da Psicologia Corporal, destacados anteriormente, não podemos deixar de citar o seu forte engajamento com questões políticas e sociais, que sem dúvida, também marcaram e influenciaram fortemente toda sua prática. Com uma história marcada por significativos traumas de infância e guerras, Reich precisou superar o preconceito, as pressões e repressões políticas, mas também a si mesmo.

Toda sua teoria foi marcada por uma visão de homem que se alicerçava também em seus próprios conflitos e dificuldades. Tudo isso fica claro quando se tem contanto com uma das suas publicações mais veementes, intitulada de “Escuta Zé-Ninguém”, onde Reich (1982) fala, em vários momentos consigo mesmo, mas também faz reflexões intensas sobre a postura e comportamento do homem moderno, chamando a atenção desse homem, acometido pelo que chamou de peste emocional, para respeitar sua própria natureza.

Citado muitas vezes como judeu pornográfico, esquizofrênico paranóico e maluco bergsonian, como destaca Volpi (2004a), Reich dedicou sua vida à ciência e buscou construir uma teoria que contemplasse a prevenção, enfatizando a importância de olharmos com atenção as crianças do nosso futuro. Isso tudo aconteceu em uma época onde a preocupação era com a patologia e com o comportamento desviante.

Nascido em março de 1897 no antigo império austro-húngaro, Reich foi criado em uma família judia, com um irmão mais novo, e amargou por muito tempo a culpa pelo suicídio da sua mãe. Isso porque, em certa ocasião, em

que se sentiu traído pela mãe e após receber uma grande surra, chegou, quando questionado por seu pai, a delatar a traição de sua mãe com um de seus instrutores, o que resultou no seu envio a Viena, para estudar em um pensionato, e no suicídio de sua mãe, após três tentativas.

Em seguida, a família de Reich viveu períodos de grande dificuldade financeira. Seu pai foi internado em um sanatório, acometido pela tuberculose, e Reich, com apenas 16 anos, precisou assumir a fazenda de sua família e cuidar de seu irmão mais novo. Anos mais tarde, após ter combatido no exército e ter sua fazenda invadida, Reich e seu irmão foram morar em uma pensão, quando iniciou seus estudos em direito, curso substituído, após seis meses, pelo de medicina, que concluiu em apenas quatro anos, quando o normal seriam seis.

Durante os anos que se manteve recluso no exército, no entanto, dedicou-se a diversas áreas de conhecimento, em especial, nessa época, pela leitura das obras do filósofo francês Henri Bergson. Desse período, podemos destacar talvez o freqüente interesse de Reich pelos mistérios naturais, que é claro, também pode ter influenciado idéias como a de impulso vital, que corresponde a uma força responsável pelo processo de vida. Além disso, podem ser resultado do contato com a obra de Bergson, a construção de uma teoria que transpusesse as barreiras do modelo ortodoxo e mecanicista de ciência da época, bem como o interesse pelas teorias evolucionistas.

Outro dado significativo de sua história, ainda durante a faculdade, foi sua participação em vários seminários sobre sexologia, onde teve seu primeiro contato com Freud, nessa época, convidado por Reich e alguns colegas para auxiliar nos seminários. Desse contato, é claro, não podemos deixar de considerar a enorme influência em sua obra, uma vez que a psicanálise teve grande importância em toda construção de sua teoria. Foi por meio dos inúmeros questionamentos e vivências psicanalíticas que Reich começou a interessar-se por questões determinantes à iniciação de sua obra, em especial, à sua prática, como a questão já mencionada que refere-se às resistências.

Em outubro de 1920 Reich já havia sido admitido como membro da Sociedade Psicanalítica de Viena e dois anos depois casou-se com uma antiga paciente e colega de medicina, que também tornou-se psicanalista e com quem teve duas filhas: Eva e Lore. Já em 1927 publicou a primeira parte de seus

escritos sobre a Descoberta da Energia Orgônio sob o título “Psicopatologia e Sociologia da Vida Sexual” obra que dedicou a Freud.

Anos mais tarde, após interessar-se pela leitura de Marx e Engels, fundou o movimento de higiene mental e filiou-se ao partido comunista austríaco, onde se dedicou à leitura sobre o marxismo e fundou a Sociedade Socialista para o Conselho e Pesquisa Social. Tal entidade tinha como objetivo a informação e orientação de pessoas sobre controle de natalidade, problemas conjugais e educação sexual de crianças e adolescentes e ainda realizava palestras e discussões em grupo.

Desse período, não se pode negar o interesse por questões sociais repressivas, presentes em sua obra, também quando destaca a questão da repressão sexual, das questões de dominação e poder, reforçando o papel da desigualdade social e destacando a importância destes fatores na constituição do caráter.

A partir do referencial marxista de Reich, podemos destacar as considerações encontradas em suas obras sobre as questões econômicas, históricas e culturais e sua influência na condição humana, em especial na estrutura social, afirmando que a sociedade produz os homens, ou ainda, os caracteres que necessita. Com isso, vê-se a importância que Reich atribuía às mudanças na estrutura social para as transformações carctereológicas.

No entanto, seu envolvimento com grupos socialistas e comunistas rendeu-lhe inúmeras preocupações e também foi responsável por certa onda de descréditos em seu trabalho. A busca por maior valorização e receptividade de suas idéias, fez com que, em 1930, Reich mudasse para a Alemanha.

Nessa época já havia rompido com Freud, influenciado, de acordo com alguns autores e segundo Volpi (2004a), pela influência de psicanalistas como Paul Federn, vice-presidente da Sociedade Psicanalítica da época.

Na Alemanha, no entanto, criou em conjunto com o partido comunista alemão, a chamada SEXPOL, ou ainda, Associação para uma Política Sexual Proletária, que tinha, de acordo com Oliveira (1998), a intenção de divulgar métodos de controle de natalidade, questionava as leis do aborto, do matrimônio, do adultério e do divórcio, incentivando a reeducação sexual como um meio de eliminação da prostituição e das doenças venéreas, além, da substituição de comportamentos promíscuos por relações sexuais saudáveis. Com isso, também defendia mudanças no tratamento dos crimes sexuais,

substituindo punições por tratamento e apostando na criação de medidas de proteção às crianças e adolescentes, bem como no treinamento de profissionais da saúde e professores sobre questões de educação sexual, além de defender medidas profiláticas das neuroses.

Com um número grande de adesões conseguida pela Associação, em 1932, o partido comunista sentiu-se ameaçado e tentou neutralizar as ações de Reich, com o oferecimento de um cargo em um comitê político, que Reich, recusa, e na tentativa de se emancipar funda uma editora própria denominada “Edições de Política Sexual”. (VOLPI, 2004a, p. 5). Tais atitudes resultam em sua expulsão do partido comunista em 1933, e consequentemente da Associação Psicanalítica Internacional, no ano seguinte.

Algumas das publicações subseqüentes de sua editora reforçavam a influência de uma sociedade autoritária, bem como do patriarcado ou matriarcado no desenvolvimento da condição de homem. No entanto, a ascensão nazista ao poder, em 1933, fez com que Reich precisasse se refugiar em Viena, em busca de um ambiente mais acolhedor.

Obrigado a mudar-se várias vezes de cidade, devido às críticas e a inclusão de sua obra nos índices de livros proibidos pelo regime nazista, Reich passou pela Dinamarca, Suécia e Noruega, onde residiu por cinco anos após conhecer Ola Raknes que, além de amigo, tornou-se um dos seus mais importantes colaboradores. Nessa época, devido à grande perseguição, Reich passou a usar o pseudônimo de Peter Stein em seus escritos, e iniciou suas pesquisas biofísicas.

Os boatos de insanidade e de que tinha o hábito de seduzir suas pacientes surgiram no XIII Congresso da Associação Psicanalítica em Lucerna, em que Reich esteve presente e recebeu o comunicado de sua expulsão. Nos anos seguintes continuou suas pesquisas biofísicas e chegou à descoberta do que denominou de bions, ou ainda, unidades básicas de energia vital, que denominou de Orgônio.

Nos estudos subseqüentes ainda identificou o aumento do potencial elétrico da pele durante a excitação sexual e a diminuição desta, na presença de emoções desagradáveis. Com isso, intensificou suas pesquisas e constatou que não apenas a atividade sexual, mas toda a vida funcionava de acordo com o que denominou de curva orgástica, identificada como uma seqüência de tensão, carga e descarga de energia e relaxamento.

A partir disso, considerou que a saúde psíquica dependeria dessa potência orgástica, sendo as enfermidades causadas pela perturbação na capacidade natural de amar. (VOLPI, 2004b, p. 2). Na seqüência ampliou a técnica da Análise do Caráter e chegou à descoberta da couraça muscular, já caracterizada anteriormente, e também da técnica da Vegetoterapia.

Em 1944, quatro anos após a descoberta da energia orgone, e depois de ter suas pesquisas sobre o tema consideradas pelo FBI como espionagem alemã, Reich foi condenado pela prática de atividades subversivas e colocado sob custódia, permanecendo preso durante quase quatro semanas. Depois disso, mudou-se novamente, mas dessa vez, instalou-se próximo à divisa do Canadá, onde adquiriu uma pequena propriedade e montou seu laboratório para dar continuidade a suas pesquisas.

Infelizmente suas pesquisas posteriores, apesar de levantarem a admiração de muitos, também fizeram com que sua tentativa de anular os efeitos da energia nuclear através do orgônio se tornasse uma frustrante e desastrosa experiência.

Reich passou a buscar alternativas para remover e contra atacar a variação criada a partir da combinação do orgônio com a energia nuclear no experimento Oranur, chamada de energia letal, ou, DOR (*deadly orgone*). Para isso, construiu um equipamento denominando de *cloudbuster*, ou seja, sugador de nuvens, que possuía um mecanismo similar a um pára-raios, que além de inferir na meteorologia, podia provocar tempestades.

Com uma porcentagem considerável de êxito em suas experiências, buscou ampliar suas pesquisas com os seres humanos e previu a construção de um equipamento, baseados nos mesmos princípios, mas para remover a energia DOR do organismo humano. No entanto, em 1954, Reich enfrentou o governo americano, devido à declaração de inexistência da energia orgônio pela FDA, além de consideração de ilegalidade sobre a venda de objetos terapêuticos.

Anos mais tarde, após a destruição de muitas de suas obras, e devido ao não comparecimento de Reich aos tribunais, pela recusa de defender-se perante juízes, afirmando que deveria responder apenas diante de cientistas, Reich é preso junto com um de seus colaboradores. Michel Silvert, aparentemente, suicidou-se alguns meses após a soltura, mas Reich continuou preso e produzindo muitos escritos, que foram lacrados sob a sugestão de que

fossem abertos somente 50 anos após sua morte, que ocorreu em 03 de novembro de 1957, após completarem-se os 50 anos.

No entanto, o que não se pode deixar de considerar na obra de Reich é a importância reservada às repressões e cargas sociais, econômicas e culturais na formação do ser humano, uma vez que sempre considerou este como um refém de políticos dominadores que o aprisionavam em si e o mantinham preso no medo da própria liberdade de escolha.

Aprisionado pelo trabalho e pela necessidade de consumo, Reich acreditava que o homem encontrava-se doente, reprimido social e sexualmente e em constante desintegração dos sentimentos, perdendo, portanto sua capacidade natural de amar. Tais idéias parecem e justificam-se plenamente no seguinte trecho de Marx, confirmando ainda mais sua forte influência na obra de Reich:

O embrutecimento da sensibilidade humana e a incessante criação de novas necessidades radicalizam a sobreposição do *ter* ao *ser*. Todos os sentidos físicos e intelectuais foram substituídos pela simples alienação de *todos* os sentidos, pelo sentido do *ter*. O ser humano viu-se forçado a reduzir-se a essa total miséria a fim de produzir toda a riqueza interior. (MARX, 2001, p. 142).

Com isso, Reich passa a defender a necessidade de reapropriação desse homem através da consciência de si, de seu poder auto-regulador e da redescoberta da capacidade de amar. Reforça a necessidade de repensarmos a educação de nossas crianças e jovens, de quem depende nosso futuro. E com isso, enfatiza a importância de um desenvolvimento psicoemocional saudável, pautado na construção de um ambiente acolhedor e o menos repressivo possível, para a formação de indivíduos mais críticos, responsáveis e conscientes.

4.2 A TEORIA DO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL

O desenvolvimento emocional, de acordo com a Psicologia Corporal, é baseado na visão de homem como expressão da energia orgônio, já descrita anteriormente, e que de acordo com Reich (*apud* Volpi e Volpi, 2008), estaria presente já no óvulo e espermatozóides humanos. Portanto, está presente em todo processo evolutivo do ser humano, misturada a outras energias e em

constante pulsação, atravessando uma sucessão de etapas que seguem a seqüência biológica de maturação.

Da concepção até a adolescência, temperamento e caráter vão se organizando, em conjunto com a reestruturação energética que segue, no decorrer do processo evolutivo que se constitui pela a inter-relação do desenvolvimento biológico com as interações ambientais e sociais.

No entanto, faz-se necessário definir termos amplamente utilizados na literatura reichiana e que, no entanto, frequentemente são responsáveis por dúvidas e confusões, pela possibilidade de interpretações equivocadas. Temperamento, caráter e personalidade são termos amplamente utilizados na psicologia e em outras áreas para representar a natureza humana e possuem definições diferentes conforme a área de conhecimento e sua influência teórica.

Porém, na Psicologia Corporal o temperamento é definido, em linhas gerais, como a disposição inata de cada um ou, seja, “[...] o substrato biológico e inato de uma pessoa que corresponde ao humor e que é expresso juntamente com a personalidade e o caráter.” (VOLPI & VOLPI, 2008).

No que diz respeito à personalidade, emprega-se a definição mais ampla utilizada na maior parte das teorias e que se refere à soma do substrato biológico com os elementos adquiridos por meio das experiências e trocas com o meio em que o indivíduo se encontra. Com isso, podemos identificar a personalidade como características psicológicas que definem a individualidade de cada um, ou seja, seu padrão funcional, que será expresso por meio de comportamentos e gestos, que definem o que vem a ser o caráter. Portanto, podemos considerar a personalidade como um padrão interno e caráter como o externo de funcionamento.

Porém, dentro da Psicologia Corporal, o caráter assume um papel de grande importância e passa a ser identificado como mais uma possibilidade de defesa do Ego. Isso porque visto como um conjunto de padrões comportamentais e habituais do ser humano é modulado pelos choques entre os desejos e pulsões instintivas e orgânicas e as frustrações do mundo externo, a cada etapa do desenvolvimento. Dessa forma, podemos afirmar que é a maneira como o indivíduo aprendeu a se apresentar e também se defender do mundo, por meio de suas experiências e trocas particulares com ele.

Dessa forma, é fácil entender a ênfase dada à questão caractereológica na teoria de Reich (1982; 1995) e sua função no funcionamento de um

indivíduo, que interage com o meio somente a partir de seu caráter, o qual engloba valores conscientes e inconscientes, além de estilos específicos de comportamento.

Tendo em vista que tais padrões foram criados porque eram necessários e também tinham a função de proteger o indivíduo, alguns se tornam rígidos a ponto de impedir o livre fluxo energético, e, portanto, o funcionamento integral do organismo. Por isso, o estudo das etapas do desenvolvimento é importante, na medida em que possibilita uma visão global dos fatores e experiências que podem moldar os padrões caractereológicos particulares. Além disso, também por possibilitar a prevenção em fixação de estruturas rígidas de comportamento e o conhecimento de padrões e características que podem estar prejudicando o fluxo energético e comprometendo o funcionamento integral do organismo em sua pulsação.

Dentro da teoria reichiana, que, como vimos, foi muito influenciada pela Psicanálise, as etapas de desenvolvimento por que passam os seres humanos são as mesmas, em especial no que se refere às questões biológicas e vitais do organismo. Vê-se, portanto, que a constante relação com o ambiente social e contextual, pode deixar marcas e impressões nesse organismo, e sugerir padrões específicos de defesas e características.

Com isso, a Psicologia Corporal propõe a compreensão e o estudo das etapas de desenvolvimento emocional, que correspondem ao período da concepção até a maturidade. De acordo com a teoria reichiana estabelece-se na adolescência, na tentativa trabalhar em direção ao crescimento e maturação caractereológica. No entanto, é importante destacar que as etapas definidas pela teoria têm uma determinada correspondência entre a maturidade fisiológica e emocional, mas sua ascendência não segue uma ordem cronológica estanque, estando sempre uma fase sobreposta à outra e sujeita ao contexto e história particular de cada indivíduo.

Reich (1995) não chegou a organizar uma classificação por etapas do desenvolvimento psicoemocional, mas, como sua obra foi sistematizada e organizada posteriormente por seus seguidores e colaboradores, atualmente é comum encontrarmos a utilização de uma classificação definida por Volpi e Volpi (2002). Tal classificação descreve características específicas de cada etapa do desenvolvimento evolutivo e biológico, além de estabelecer

correlações com os bloqueios ocorridos nos segmento de couraça definidos por Reich (1995) o qual propõe traços de caráter específicos.

A primeira etapa descrita foi a de sustentação, que corresponde ao período que compreende o momento da fecundação até o nascimento e aproximadamente os primeiros 10 dias de vida. Nessa fase o bebê estabelece contato com a mãe por meio do cordão umbilical e das paredes do útero, sendo o suprimento recebido por ele, não apenas fisiológico, mas também emocional e energético, o que irá garantir ou não a continuidade da gestação.

Durante a fase de sustentação, há também uma subdivisão didática que possibilita a melhor compreensão dessa fase e corresponde a um período evolutivo específico da fase gestacional. De acordo com Volpi e Volpi (2008) a fase de segmentação que é envolvida pela etapa de sustentação é precedida pelas fases embrionária e fetal, que correspondem a períodos distintos da gestação. Estresse e problemas causados em uma dessas fases podem deixar um registro celular que será fundamental para a formação de traços de caráter futuros.

Conforme descrevem Volpi e Volpi (2008, p.133):

O contato, primeiramente com o útero e posteriormente com as figuras humanas de referência, a partir do parto, é indispensável ao desenvolvimento emocionalmente saudável do ser humano, à sobrevivência emocional, tanto quanto o organismo é equipado com sentidos que são também responsáveis por sua sobrevivência biológica.

E é a partir disso que a etapa de sustentação é também tida como a fase de contato e é representada pelos olhos, ouvido, nariz e pela pele, que representam nossos principais órgãos dos sentidos, por meio dos quais experimentamos e interpretamos o mundo ao nosso redor. Um bloqueio energético nessa fase sugere o desenvolvimento de um traço de caráter denominado por Navarro (1995) de núcleo psicótico, que tem como características principais a dificuldade de estabelecer contato e de ter uma visão clara do mundo, fazendo com que este interprete a realidade exterior de uma forma diferente e tenha dificuldades em manter o foco. Além disso, seu nível energético global será baixo, pois mantém grande quantidade de energia a nível cerebral, o que dificulta a circulação da energia no resto do corpo.

O segundo momento do desenvolvimento, chamado de etapa de incorporação, compreende o período procedente ao nascimento até mais ou

menos os nove meses de vida, que é o período de amamentação, mas também em que ocorre o desmame. Nessa etapa há o desligamento do bebê do útero, que passa a ligar-se ao seio da mãe, e a introjetar o que vem do mundo externo.

O ritmo da amamentação, nessa fase, gradativamente vai sendo combinado com o ritmo externo, do ambiente, e o bebê começa a experimentar a frustração, que o auxiliará na construção do que a psicanálise chamou de princípio de realidade, composta pelas noções de prazer e desprazer. Tal construção o auxiliará na consciência de separação de figura materna e, portanto, na identificação de si, como ser separado, possibilitando a vivência de novas experiências e sensações.

Esse período é o momento em que a energia do bebê está voltada ao seu crescimento físico, o que como destacam Volpi e Volpi (2008), não pode ser percebido separado de seu desenvolvimento psíquico, social e cognitivo. Uma amamentação deficitária de afeto, calor ou contato ou um desmame abrupto, podem causar um bloqueio no segundo segmento de couraça que corresponde à boca.

Algumas das principais características de um bloqueio nesse segmento é uma tendência à depressividade e à dependência, o que caracteriza um traço de caráter definido por Navarro (1995, *apud* Volpi e Volpi, 2008), de *borderline*. No ponto de vista desse autor, o indivíduo *borderline* é o que está no limite entre a psicose e a psicose e para se defender da depressão possui um enrijecimento grande na região do pescoço e um grande aspecto narcísico. No entanto, possui uma boa quantidade de energia, mas mal distribuída pelo corpo.

A próxima etapa, chamada de etapa de produção, que compreende o período do desmame até mais ou menos o final do terceiro ano de vida ou um pouco antes, representa a experiência da independência da figura materna, onde a criança irá descobrir o mundo ao seu redor. Além disso, também é a fase em que a criança volta-se à construção de pensamentos, gestos, brincadeiras, jogos, relacionamentos, ou ainda, vivencia sua autonomia e a produção.

Esse também é o período de aprendizagem do controle dos esfíncteres e em que ocorre o desenvolvimento da autoconsciência, que permite à criança antecipar acontecimentos e ter a compreensão de limites. Procurando novas

experiências, a criança começará a se interessar por jogos imaginativos e buscará figura de modelo, imitando os pais.

Aqui, no entanto, não é possível se estabelecer uma correlação tão direta com algum segmento de couraça, uma vez que a partir do segmento oral, segundo mais primitivo, o que podemos desenvolver, de acordo com Navarro (*apud* Volpi, 2007) são o que chamou de coberturas de caráter. Na etapa de produção, entretanto, os bloqueios podem estar ligados a características do traço de caráter denominado por Navarro (1995, *apud* Volpi e Volpi, 2008) de psiconeurótico, que, assim como o borderline, possui um bom quantum energético, mas mal distribuído pelo corpo. Tal traço compreende as coberturas compulsiva ou masoquista, que estão mais próximas da fase do desenvolvimento que a psicanálise considera como anal, quando o prazer localiza-se na região anal, representado pela retenção e expulsão das fezes. Nessa fase atitudes coercivas, punitivas ou de humilhação, podem dar origem a coberturas mais retentivas ou expulsivas, ou ainda, compulsivas ou masoquistas.

A cobertura compulsiva, portanto, caracteriza-se por características mais controladoras, sendo a necessidade de organização, ordem e controle umas das características mais comuns. O masoquista, no entanto, é o que Navarro (*apud* Volpi e Volpi, 2003a) considera como capaz de transformar prazer em desprazer, representada numa incapacidade de gostar de si mesmo.

Na seqüência do desenvolvimento psico-emocional encontra-se a etapa de identificação, que representa a penúltima fase do desenvolvimento da classificação proposta por Volpi e Volpi (2002) e relaciona-se à fase em que a criança é capaz de fazer identificações, imitando os adultos em busca de modelos, e sua energia volta-se à descoberta dos órgãos genitais. Nesse período, que corresponde mais ao menos aos quatro anos de idade, inicia-se a exploração do corpo e principalmente dos genitais, com a descoberta das diferenças sexuais e também com a curiosidade sobre questões relacionadas à sexualidade.

Nessa fase a masturbação, que mais tarde dará lugar ao ato sexual, aparece como alternativa para vivência da sexualidade e precisa ser encarada com naturalidade para que conflitos e dificuldades da vivência sexual posterior possam ser minimizados. Além disso, como o próprio nome sugere é a etapa

de “identificação”, onde a criança iniciará o reconhecimento de seu gênero, ou seja, se reconhecerá como menina ou menino.

A última etapa é a de formação de caráter, que se inicia aproximadamente aos cinco anos de idade e se estende até a puberdade, onde para Reich (1987, *apud* Volpi e Volpi, 2008), é onde se dá a formação básica do caráter. Nessa fase há a identificação da criança com o genitor do mesmo sexo e mais se evidencia a masturbação.

Se não ocorrem bloqueios significativos nas fases anteriores, segundo Reich (1995) poderá se estruturar o caráter denominado por ele de genital, que se caracteriza como auto-regulado, equilibrado e maduro. De acordo com o autor, uma parcela muito pequena da população conseguiria chegar até essa fase sem bloqueios e possuiria tal traço caractereológico. Hoje, no entanto, considera-se o caráter genital apenas como uma referência ideal e utópica, que serve como objetivo a ser alcançado por meio do trabalho corporal.

Na descrição realizada acima, sobre o desenvolvimento psico-emocional caracterizado dentro da Psicologia Corporal, fica claro observarmos, em todo momento, a importância do social, das relações e do contato para a formação de um caráter saudável e auto-regulado. Como Reich (1995) já teorizava, a organização do contexto ambiental e social em que cresce e se desenvolve o ser humano aparece mais uma vez justificada em sua obra e trará subsídios para as discussões realizadas a seguir.

5 REFLEXÕES ACERCA DA ADOLESCÊNCIA E A PÓS-MODERNIDADE NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA CORPORAL.

A visão de um homem que se estabelece em meio a relações de trocas constantes com seu meio, e identifica-se com e pelo outro, é a que embasa o presente trabalho e parece justificar-se nos pensamento de Reich (1995) e Bauman (2004) descritos acima. Apesar de se localizarem em tempos e discutirem épocas distintas, um tratando das condições modernas, enquanto outro, já supõe uma pós-modernidade que denomina de líquida, ambos encontram-se na visão peculiar sob o sofrimento existencial do homem.

Diante das considerações evolucionistas e de influências ambientais, sociais, econômicas e políticas que determinam o desenvolvimento humano, como pensar a adolescência, fase peculiar de conflitos, construções e transformações nessa nova configuração social anunciada pela pós-modernidade? Diante do que assegura Bauman (1998), não se pode mais ignorar a fluidez das relações e a inexistência de construções sólidas na era pós-moderna. Além disso, para Reich (1989), se o desenvolvimento humano também depende do que a sociedade necessita, ou seja, das demandas sociais, fortemente influenciadas pelas dinâmicas de poder, quais seriam as necessidades e que tipo de caráter elas tem privilegiado uma vez que ainda acompanhamos a contínua prevalência da quantidade sob a qualidade, como já destacava Reich (1989) ao falar da modernidade?

Tais questões significam as contradições de uma “insólida” era, onde somos sujeitos e assujeitados. Falar em construção na atualidade traz a impressão de se estar vivendo nostalgicamente em busca das antigas promessas de segurança da modernidade.

No entanto, tudo isso faz parte do desejo constante de um homem que em busca de referências perdidas no passado, continua isolando-se em si e acreditando estar seguro entre as paredes transparentes de seu mundo particular. Transparente, porque o que é líquido também nos dá a idéia de transparência e se aliarmos isso a invasão tecnológica e a constante vigilância dos dias atuais, o público e o particular não encontram mais barreiras para coexistir.

Nessa nova configuração ainda há, por alguns instantes, considerando a temporalidade curta das coisas na era líquida pós-moderna, uma sensação

vazia de segurança na vigilância. Contraditório, mas pertinente, pois como falar em realidade dentro da relatividade dos tempos de liquidez?

E assim, um emaranhado de questões filosóficas e aparentemente vazias, passa a representar a configuração atual de uma sociedade que perdeu seus referências na busca por uma liberdade que não lhe trouxe a tão sonhada felicidade, mas sim, novos e temporários conceitos para a felicidade. Conceitos que seduzem jovens e adultos e os mantêm ainda mais presos a necessidades criadas pela nova configuração capitalista, e principalmente, ao ter em favor do ser, como já destacavam Marx (2001), Reich (1982) e também anuncia Bauman (1998; 2004).

Diante das concepções teóricas apresentadas nos itens anteriores, podemos notar a necessidade do homem, desde muito cedo, como destaca Reich *apud* Navarro (1995) em manter contato. Mas um contato energético, saudável, e real que lhe garanta a segurança na interpretação de sua realidade e no estabelecimento de relações, sem o medo de se perder no outro ou em si mesmo pelo contato. No entanto, como na pós-modernidade as frágeis relações são curtas e nem sempre acontecem no real, vemos uma geração que nasce e se configura em um contexto diferente do que nos tempos da modernidade, quando ainda se falava em coletividade e sentimento comunitário.

Entender as novas configurações sociais, em especial, as relações que se estabelecem na adolescência, em que o contato também é sinônimo de organização, expressão e experiências, mas é delimitado pelas novas formas de comunicação e tecnologias, é refletir sobre possibilidades. Muito mais do que apenas levantar questões, é importante olhar para o adolescente de hoje como um ser que continua buscando referenciais, porém, que se organiza e relaciona-se da maneira com que aprendeu e com que tem a sua disposição. Isso porque as novas descobertas tecnológicas e de comunicação, em grande ascensão, modificam continuamente a maneira como o adolescente de hoje identifica-se, procurando constantemente apoio na pluralidade e mobilidade que configura a era moderna líquida referenciada incansavelmente por Bauman (1998; 2004).

Porém, não se pode deixar de considerar o enorme abismo que separa as pessoas, nessa nova organização da era global e tecnológica. Apesar da busca incessante pela experiência da sexualidade, que se configura como uma

das características da adolescência, como já enfatizava Reich (1996), o que se tem observado são relações forçadas por padrões temporários de comportamento, que nem sempre representam a vivência consciente e auto-regulada de sua sexualidade.

É comum encontrarmos relações vazias entre jovens, que costumam buscar prazer e orgasmos, sem conhecer o real significado da descarga orgástica, que de acordo com os pressupostos da Psicologia Corporal, caracteriza-se pela disponibilidade para amar e entregar-se Reich (1975). Porém, como ressalta Bauman (2004) o que se percebe, não só entre os jovens, tem sido o medo da entrega e também de qualquer tipo de relação, que possa, de alguma maneira, inviabilizar ou não permitir a substituição daquela experiência por outra, e percebe-se que nas novas configurações relacionais, o amor dura apenas enquanto há co-satisfação, isto é, o sentimento passa a ser condicionado pelo prazer e pela satisfação que, em parte, espera-se ser determinados apenas pela expressão e atitudes do outro.

Com relação a isso, podemos notar também que o medo freqüente pelo envelhecimento é outra questão que cresce, em especial entre os adolescentes. Observa-se que a grande organização do mercado de consumo, parece associar todas as coisas sadias e boas oportunidades a juventude, oferecendo novos seios, bumbuns e silhuetas a quem precisar se renovar. Isso promovido pela facilidade de troca e substituição do que se torna, num prazo de horas ou dias, obsoleto na pós-modernidade.

Reich (1982) já dizia que o homem moderno sofria pelo medo: da entrega, da vida e de si. No entanto, hoje, o que podemos observar, como também ressalta Bauman (1998), é que esse mesmo homem continua com medo. Porém, não sabe do quê, por isso, parece continuar sufocando sua própria essência e impossibilitando a plena pulsação da vida e o reconhecimento de si, como sugere Reich (1982).

Entre os adolescentes que buscam a construção de identidade, notamos variabilidade e diversidade, pois, se esta é a ordem do momento, não há mais porque preocupar-se com a mudança. Trocar, experimentar e mudar de idéia é a liberdade que a pós-modernidade nos oferece, no entanto, traz como consequência a fragilidade das relações não só entre as pessoas, mas delas com sua história consigo e com seu tempo, uma vez que tudo permanece móvel.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tentar discutir os relacionamentos na adolescência, portanto, é passar a considerar também essas novas configurações identitárias, que alicerçam-se no movimento. Os jovens de hoje, bem como os adultos, não se reconhecem mais. Forçados a se qualificar cada vez mais cedo para o mercado de trabalho e experimentando uma complexidade social e de relações, não sobra espaço para pensar sobre si e amargar sua nostalgia pela perda da infância, portanto, será que poderíamos então, ainda considerar a existência da adolescência nos dias atuais? Se pudéssemos ouvir Reich (1996) hoje sobre onde nos traz a pós-modernidade, talvez conseguiríamos escutar algo como: “Não conseguiria me adaptar a isso! Quero viver, mas de modo diferente daquele que você exige de mim!”

Na verdade, ao considerarmos a adolescência de hoje, não há como falarmos em padrões, pois não há mais modelos únicos, tudo modifica-se repentinamente. Muitos atualmente preferem simplesmente não admitir mais a existência da adolescência, afirmando que esta é uma construção social de outros tempos. No entanto, o que prefiro considerar é que são vários padrões relacionais, que não podem ser mais descritos de uma única maneira.

O que podemos notar é a mudança no formato de relacionamentos e de buscas, mas não a inexistências delas. Na verdade, com a mediação tecnológica, que apesar de limitar, e muito, o contato visual e real, ainda podemos notar a formação de grupos, necessários para a individualização e reconhecimento desses jovens e a busca pelo outro, no entanto mediada pela tecnologia, que muitas vezes, é o primeiro meio de contato e propicia uma diminuição da ansiedade que este gera.

Dessa forma, se pensarmos na afirmativa de Reich (1996) de que a sociedade cria os tipos de caráter de que necessita, vemos que a necessidade atual é de uma estrutura jovem. O mundo é construído para os adolescentes. São propagandas, roupas, modelos, tecnologia e mídia somente para o consumo jovem, que precisa ser mutável, multiplicável, consumista, universal e em constante movimento, que busque a conservação apenas da jovialidade e da beleza.

Diante desse contexto percebe-se que a organização midiática esquece-se que este adolescente torna-se adulto e velho e com isso, acaba perdendo

referências, o que muitas vezes inviabiliza a padronização cronológica do desenvolvimento, que antes era usada para caracterização de fases e processos de desenvolvimento humano. Assim, falar de adolescência passou a ser muito mais complexo, do que apenas considerá-la dentro de uma faixa etária específica e com características distintas, falar em adolescência e falar ainda em conflitos, mas também em diversidade, pluralidade e medo, em especial de manter contato com o outro e conseqüentemente consigo.

Nesse sentido, aparece o “ficar” como uma possibilidade que abraça o fenômeno pós-moderno. Para que haja esse momento, é preciso apenas o desejo e a vontade de saciar desejos e experimentar novas sensações. No entanto, logo que se encerram as possibilidades, a busca por novas experiências dá lugar a uma nova busca. É o movimento constante, que apesar de servir exatamente aos interesses da pós-modernidade e da juventude, permanece alicerçada pela ausência de compromisso, e portanto, de laços que poderiam servir para um reconhecimento maior de seus próprios sentimentos, de si no outro, e do outro.

Isso como conseqüência da provisoriedade dos tempos, que acabam levando o ser humano novamente ao isolamento e ao individualismo. Não há mais espaço para frustrações e os jovens vivem hoje uma fanática corrida contra e a favor do tempo. O que explica o fato de quererem aderir a programas estéticos, cirúrgicos, embelezamento artificiais, para “mascarar” o tempo e seus efeitos, sejam eles subjetivos ou físicos.

Falar de jovens do futuro, não é mais a noção correta, uma vez que a fronteira do tempo é vencida pela velocidade e necessidade de um sujeito aberto e alerta para as possibilidades à sua volta. O futuro e o presente misturam-se continuamente em uma luta para sobrepor-se ao passado obsoleto. E o tempo real, é o tempo global, sem fronteiras e sem limites, onde se pode ser o que quiser, e ter o que quiser, bastando estar disponível, saber aproveitar as oportunidades e satisfazer suas necessidades a qualquer hora.

Por isso, não se pode propor uma visão paradigmática das novas relações do adolescente pós-moderno. A questão é buscar compreender até que ponto tais relações vem aproximando os seres de si e proporcionando uma vida plena e pulsante. Para isso, não basta apenas culpar a globalização e as novas tecnologias pelos padrões voláteis de contanto, mas pensar de que

maneira essa também pode ser útil para aproximar as pessoas e possibilitar o contato e como nós também somos responsáveis por essa nova configuração?

Responsabilidade é também ter a consciência de que a minha maneira de enxergar e de me integrar às mudanças será definitiva para aproximação dos meus objetivos, pois uma vez que tenho consciência deles e os reconheço, tenho a possibilidade de criar alternativas que se aproximem mais de mim e de meu conceito de felicidade. Se a realidade que se apresenta é essa, não basta continuar buscando culpados, alojando nossa responsabilidade em coisas, em instâncias e/ou pessoas, é necessário renovar a consciência, mesmo, fluida, a cada instante, de mim mesmo.

Dessa forma, por meio da realização desse trabalho, vejo que a saída para reflexão sobre os relacionamentos da nova adolescência líquida, seja a ênfase no despertar constante de sua auto-consciência. Por isso, não há como deixar de considerar a perspectiva reichiana sobre as relações, no entanto, talvez o que se precise é olhar para o novo jovem com um ser que cria suas necessidades com a mesma velocidade com que se movem as propostas líquidas da pós-modernidade, e que, portanto, traços caracteriais acabam sendo cada vez mais inconstantes, necessitando de uma maior plasticidade e renovação de hábitos e comportamentos.

Considerar o adolescente como esquizóide é vê-lo como isolado em si, e preso as suas fantasias, no entanto, não é isso que se observa, pois ele continua em busca do outro, porém de uma forma diferente, com estratégias diversificadas, que talvez diminuam o contato real, mas não o impossibilitem. Ficar preso a modelos antigos e valorizar apenas as nossas próprias experiências e modelos, não nos auxilia a enxergar a realidade, mas nos aproxima do núcleo psicótico que descreve Navarro (*apud* Volpi e Volpi, 2003a) como aquele que tem dificuldade de interpretar a realidade. Por isso, fixa-se a fantasia de um tempo que não existe mais.

Mas é claro que os relacionamentos atuais, também não podem ser vistos como exemplos de plena vivência da felicidade e pulsação. No entanto, são reflexo dos conflitos atuais, gerados por um tempo líquido, que não nos permite ao menos, caracterizá-los. Cabe a nós apenas, tornar a consciência dos medos atuais possível, para que ela possa gerar também as saídas e caminhos necessários para atitudes mais heróicas e corajosas perante a vida como afirmam Volpi e Volpi (2003b).

Verifica-se, portanto que a adolescência no contexto Pós-moderno e sob a visão da Psicologia Corporal, precisa ser percebida de uma maneira global, que possui características singulares que dizem respeito a essa nova organização social, cultural e econômica que lhe confere marcas e propõem um olhar ampliado sobre seus fenômenos.

Desta maneira não basta apenas julgar a adolescência como uma etapa do processo de desenvolvimento marcada pela rebeldia, sentimentos e emoções inconstantes, dificuldades em manter relacionamentos efetivos, mas sim compreendê-la como um processo amplo que sofre influências das mudanças históricas, sociais e culturais e que devido a este fato, deve-se pensar na adolescência levando-se em consideração as mudanças em todo o sistema, seja ele familiar, educacional e social.

REFERÊNCIAS

- BARROS, C. S. G. **Pontos de Psicologia do Desenvolvimento**, 2ª ed. São Paulo: Ática, 1986.
- BAUMAN, Z. **O Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BAUMAN, Z. **O Mal-estar da Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BOCK, A. M. B. **Revendo o conceito de adolescência**. In: Anais da XXXI Reunião Anual de Psicologia. Rio de Janeiro, Sociedade Brasileira de Psicologia. 2001. V. 1. p. 82.
- CAMPOS, D. M. S. **Psicologia da adolescência**: normalidade e psicopatologia. 18ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- CARVALHO, A. *et al.* **Adolescência**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- CONNOR, S. **Cultura Pós-Moderna**: introdução às teorias do contemporâneo. São Paulo: Loyola, 1992.
- ERIKSON, E. H.; ERIKSON, J. **O ciclo da vida completo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- GARCIA, M. L. Entrevista com Zygmunt Bauman. **Tempo soc.**, São Paulo, v. 16, n. 1, June 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702004000100015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13/07/2009.
- GAUDÊNCIO, P. **Jovem urgente**. São Paulo: Paulinas, 1974.
- HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- LOWEN, A. **Medo da vida**: caminhos da realização pessoal pela vitória sobre o medo. 9ª ed. São Paulo: Summus, 1986.
- LOWEN, A. **Prazer**: uma abordagem criativa da vida. São Paulo: Círculo do Livro, 1970.
- MARX, K. **Manuscritos Econômicos e Filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- OLIVEIRA, M. **Biopatias**: o que está errado é a forma de viver? In: II Encontro de Ciências Humanas da Universidade Federal de Alagoas. Espaço Wilhelm Reich. Maceió, 1998. Disponível em: <<http://www.espacowilhelmreich.com.br/artigos.php?c=20>> Acesso em: 14/07/2009.
- REICH, W. **Escuta Zé-Ninguém**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

REICH, W. **A Revolução Sexual**. São Paulo: Círculo do Livro, 1966.

REICH, W. **A Função do Orgasmo**: problemas econômico-sexuais da energia biológica. 11ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1975.

REICH, W. **A análise do caráter**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

REICH, W. **Paixão de Juventude** - uma autobiografia. São Paulo: Brasiliense, 1996.

SHINN, T. Desencantamento da modernidade e da pós-modernidade: diferenciação, fragmentação e a matriz de entrelaçamento. **Sci. stud.** São Paulo, v. 6, n. 1, mar. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-31662008000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 13/07/2009.

VOLPI, J, H; VOLPI, S, M. **Reich**: da Psicanálise à Análise do Caráter. Curitiba: Centro Reichiano, 2003a.

VOLPI, J, H; VOLPI, S, M. **Reich**: A Análise Bioenergética. Curitiba: Centro Reichiano, 2003b.

VOLPI, J, H; VOLPI, S, M. **Reich**: da Vegetoterapia à descoberta da energia orgone. Curitiba: Centro Reichiano, 2003c.

VOLPI, J. H. **Reich e a economia sexual**. Curitiba: Centro Reichiano, 2004a. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos.html>. Acesso em: 12/07/2009.

VOLPI, J. H. **Um panorama histórico de Wilhelm Reich**. Curitiba: Centro Reichiano, 2004b. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos.html>. Acesso em: 12/07/2009.

VOLPI, J, H; VOLPI, S, M. **Etapas do Desenvolvimento Emocional**. Curitiba: Centro Reichiano, 2006. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos.html>. Acesso em: 12/07/2009.

VOLPI, J. H. **Caractereologia pós-reichiana**. Curitiba: Centro Reichiano, 2007. Anotações de aula do curso de Especialização em Psicologia Corporal do dia 28 de julho de 2007.

VOLPI, J, H; VOLPI, S, M. **Crescer é uma Aventura!** Desenvolvimento Emocional segundo a Psicologia Corporal. 2ª ed. Curitiba: Centro Reichiano, 2008.